

## **PASSAGEM DE COMANDO NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA**

*Palavras do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann,  
na passagem de comando da Escola Superior de Guerra (ESG),  
do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Rafael Rodrigues Filho  
para o General de Divisão Décio Luís Schons*

**Rio de Janeiro, 4 de abril de 2017**

Senhoras e senhores,

Tenho a satisfação de sempre de regressar a esta Escola, desta vez para a cerimônia de passagem de comando do Brigadeiro Rodrigues Filho para o General Schons. Já estive por diversas vezes na ESG, e essa é a primeira vez em que não estou aqui na condição de palestrante.

Desde 1949, quando de sua criação, a Escola Superior de Guerra funciona como um centro permanente de estudos e consolida os conhecimentos imprescindíveis para o planejamento da defesa, segurança e desenvolvimento nacionais.

Ao longo desses 68 anos, fortaleceram-se o padrão de excelência e a capacidade de influência da ESG, à medida que nosso País vivia intensas transformações no âmbito doméstico e lidava também com os efeitos das mudanças de conjuntura no cenário global.

Não quero me estender aqui sobre essas transformações e mudanças, mas não podemos perder de perspectiva o impacto profundo que tiveram sobre a geopolítica mundial, regional e doméstica, e sobre as características dos conflitos armados.

A guerra, hoje, é lutada dentro de cidades e comunidades; envolve atores e grupos transnacionais; faz cada vez mais vítimas civis; e é cada vez mais intensiva em tecnologia.

Aliás, estávamos ainda há pouco na 11ª edição da LAAD, que contou com a presença do Presidente Temer, do Ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, e da Presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), Maria Sílvia. Chamou a atenção das autoridades, notadamente do Presidente, que já participou de outras edições, a extraordinária dimensão da feira, uma das cinco maiores do mundo.

Ficou muito claro que tínhamos ali um amplo leque de ferramentas e equipamentos para a manutenção de nossa soberania, e que elevamos o nosso nível de produtividade e inovação. Trata-se de importante momento de afirmação, em termos institucionais, da importância da defesa.

Paralelamente, o cenário global é de crescente incerteza. Assistimos, em uma conjuntura de multipolaridade assimétrica: ao rearmamento na Europa; ao agravamento da ameaça do terrorismo, que, via Mediterrâneo e norte da África, se aproxima do Atlântico Sul, por onde fluem 96% de nosso comércio exterior; a uma crise de refugiados e deslocados internos sem precedentes; e ao questionamento das instituições de governança global.

Especificamente em relação à questão da não proliferação nuclear, é preciso levar em consideração que estamos em vias de completar 50 anos do Tratado de Não Proliferação Nuclear, o TNP, firmado em 1968. Nesse contexto, um balanço e uma reavaliação são necessários, com vistas à redução das assimetrias de poder entre os países do globo.

Nossa região busca preservar a estabilidade e as relações pacíficas, priorizando a solução negociada de controvérsias. Merece destaque o fato que, desde o tempo de meus bancos escolares, o mapa da América do Sul é o mesmo. Nosso País tem o papel de ancorar essa estabilidade regional.

No mundo de incertezas que descrevíamos há pouco, liderar um subcontinente demanda uma estratégia que extravase o domínio da defesa em direção a outros campos, como o econômico e o diplomático. Como já observava o chanceler Rio Branco, vizinhos fortes são fundamentais para o nosso próprio desenvolvimento.

Comemoramos o início do processo de paz na Colômbia, mas são preocupantes a questão da segurança nas fronteiras sul-americanas e o crescimento do narcotráfico e do crime organizado. As fronteiras são, de fato, uma das principais preocupações de nossas Forças Armadas, que têm sido impulsionadas a exercer outros papéis que vão além de sua missão precípua tanto nos grandes centros quanto nas regiões fronteiriças. No Brasil, a verdade é que as Forças Armadas exercem atribuições que vão muito além da defesa e que abarcam a ocupação e a integração do território, essenciais para a manutenção da soberania e que configuram uma ampla e nobre missão.

Nossas riquezas naturais são tanto uma benção quanto um fator de cobiça, em um mundo que convive com crescente escassez e crescimento populacional. Cabe louvar, em relação a esse aspecto, a extraordinária contribuição desta Escola para o pensamento geopolítico brasileiro, representado por ilustres figuras que foram membros desta Casa, como o General Meira Mattos.

Domesticamente, não obstante os avanços das últimas décadas, como a consolidação da democracia, a inclusão social e o crescimento econômico, desafios como a deficiência da educação, a corrupção, a pobreza, o desemprego e a insegurança pública ainda atingem nossa população em uma escala considerável.

A valorização da agenda da Defesa é parte importante das várias, complexas e inter-relacionadas estratégias das quais temos que lançar mão para lidar com esses desafios.

É necessário que superemos, no Brasil, a percepção difundida junto à sociedade de que não temos inimigos ou ameaças; que compreendamos o papel fundamental de nossa base industrial de defesa para o desenvolvimento nacional, como indutora de inovação tecnológica de uso dual, geradora de empregos e de renda na forma de produtos exportáveis de alto valor agregado; que valorizemos a contribuição das Forças Armadas não apenas como defensoras da Pátria, mas como construtoras de nossa Nação e promotoras de valores que precisam, mais do que nunca, ser cultivados.

Ao longo do exercício de meus mandatos na Câmara dos Deputados, sempre fiz questão de ser membro da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, a CREDN, e liderei a criação da Frente Parlamentar de Defesa. A qualificação do debate sobre defesa no Brasil e a ampliação do seu alcance são imprescindíveis para a consecução desses objetivos, expressos na Política e na Estratégia Nacional de Defesa, que pertencem a todos os brasileiros e brasileiras.

Precisamos nossa capacidade dissuasória para enfrentar ameaças reais, mesmo que elas pareçam improváveis. Por isso, os Projetos Estratégicos das Forças Armadas são tão importantes. Alguns ficaram receosos com os anúncios recentes de contingenciamento orçamentário, mas faço com os senhores uma aposta de que teremos, esse ano, no mínimo o mesmo rendimento do ano passado,

quando nossa execução superou as previsões iniciais, apesar do contingenciamento que foi anunciado.

Quero voltar a destacar o quão importante é a contribuição de instituições como a ESG, que forjam conceitos sobre defesa, fomentam o debate e consolidam conteúdos que subsidiam o processo decisório nessa área.

Lanço ao General Schons a proposta de superarmos, juntos, os desafios perante os quais nos encontramos, em meio a um amplo processo de transformações. A ESG é, por excelência, a casa para se pensar o papel do Brasil nesse processo.

Durante os últimos dois anos, sob a gestão do Brigadeiro Rodrigues Filho, significativas realizações foram alcançadas pela Escola, sempre no sentido de concretização de seu padrão de excelência à luz dos desafios e demandas dos tempos atuais.

Em meio à realização de diversos cursos, entre os quais o Curso Superior de Defesa, cuja 5ª edição tive a satisfação de inaugurar, há algumas semanas, merece destaque a realização da XVII Conferência de Diretores de Colégios de Defesa Ibero-Americanos nas instalações da ESG, em outubro do ano passado.

O relacionamento com instituições congêneres estrangeiras, como as Escolas de Defesa da OTAN e o Centro de Estudos Estratégicos da UNASUL, o CEED, vem sendo aprofundado, em um processo que contribui para o adensamento e a atualização dos conteúdos transmitidos na ESG.

Destaco, ainda, o incentivo ao fortalecimento da capacidade acadêmica; o fomento à pesquisa e à produção científica; a criação do Programa de Pós-graduação da ESG, nível *stricto sensu* (mestrado acadêmico), na área de concentração de Segurança Internacional e Defesa; e a conquista da equivalência de alguns cursos da ESG à pós-graduação *lato-sensu*, que representou importante salto na qualificação e titulação de civis e militares como especialistas, com foco nos temas de interesse da Defesa.

Caro Brigadeiro, a ESG, o Ministério da Defesa e o Brasil ganharam muito com o dinamismo de sua gestão e com a sua competência profissional. O comando de uma Escola de tamanha referência configura etapa significativa na sequência de uma carreira brilhante, de 46 anos dedicados integralmente ao seu País.

A partir de hoje, a Escola Superior de Guerra passa ao comando do General Schons, dono de uma estrelada carreira como cavalariano da Força Terrestre e que até muito recentemente prestava excepcional contribuição ao Ministério da Defesa nas funções de Subchefe de Assuntos Internacionais e de Subchefe de Política e Estratégia.

A experiência adquirida então, de coordenação com o Ministério das Relações Exteriores, será de grande valia para as relações que temos buscado adensar, entre política externa e política de defesa.

É também fundamental, nesse sentido, que se aprofunde ainda mais o relacionamento com outras instituições nacionais, como o Instituto Brasileiro de Estudos de Defesa Pandiá Calógeras (IBED), no Ministério da Defesa, o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), e tantas outras mais, que fazem parte das nossas Forças Armadas.

A inteligência, o espírito público, o elevado sentido moral e pendor acadêmico que marcaram o Ministério da Defesa estão agora a serviço desta Escola, tão cara para todos nós.

Meu caro novo Diretor desta Escola, somos sabedores da sua tenacidade para superar obstáculos e transformá-los em vitórias. Assumo o compromisso de darmos seguimento à instalação de uma sede definitiva da ESG em Brasília, perto do centro do poder, onde, se me permitem a ousadia, precisamos educar boa parte de nossas elites em defesa.

Receba os meus cumprimentos, General, pelo comando, bem como a minha confiança e disponibilidade. Estou certo de que a ESG trilhará mais passos decisivos sob sua gestão.

Muito obrigado a todos!